

Anarquistas, graças a Sarney ^{Sarney, José}

Juarez Bahia

CHESTERTON, em *O homem que foi quinta-feira*, constrói um mundo visto pelo avesso. A atmosfera do romance elege a conspiração como sinônimo de anarquismo. O propósito dos conspiradores, cada qual com o nome de um dia da semana, sob o comando de Domingo, é provar que a ordem constituída é opressora e inepta.

Assim, o melhor é fazer as coisas ao contrário, para que ao menos elas dêem certo. O romance é a história de um pesadelo e seus personagens são misteriosos agentes da lei, de um lado, e convictos arautos da desordem, de outro. Entre uns e outros flutuam códigos mirabolantes, planos diabólicos, caprichosas dissimulações.

Tudo acaba admiravelmente, num final feliz de quem desperta de uma noite mal dormida e concilia o bocejo com o som de gorjeios dos pássaros madrugadores de Londres. Então, o romancista já terá convencido os leitores de que policiais podem ter mais alma de anarquistas do que ciosos libertários dispostos a beber sangue em vez de vinho.

— “Vista-se como um anarquista, seu idiota”, aconselha a um ingênuo noviço na arte de dinamitar instituições o presidente do Conselho Central Anarquista. E, para acalmá-lo: “Não haverá ninguém que o julgue um tipo perigoso”. O poeta Syme convence-se rapidamente de que está diante de um gênio, alguém que faria Cesar e Napoleão parecer frágeis e tolos.

Todo o ímpeto da ação se desenrola em espaços tão sombrios como edificantes, para não dizer fantasmagóricos. A condição humana se revela sob a luz de uma suave ironia, mas nenhuma atitude, nenhum golpe, nenhum lance por menos absurdo que seja se revela antes do seu desfecho. Só então se sabe ao certo como os papéis foram trocados.

O pesadelo do presidente Sarney se assemelha mais a uma elaboração chestertoniana do que ao jogo prático, racional, de Bakunin. Preferindo o filósofo russo, que é um hábil articulador de abstrações científicas, mais próximo de uma teoria da razão do que de uma teoria das emoções, a conversa ao pé do rádio terminou por fazer uma indiscreta confusão de coisas opostas.

A referência a Bakunin seria dispensável por três motivos: machucar a reputação de um pensador — “aquela coisa do século passado”; confundir desobediência civil com anarquismo — etiqueta imprópria; e deixar perplexos exemplares burgueses — de uma hora para outra remetidos ao século XIX como presumíveis aliados da revolução popular, inimigos da propriedade privada e devotos da ditadura invisível.

Geralmente vistos como os grandes derrotados da história, os anarquistas sabem conspirar, mas não sabem desobedecer. Não são exatamente pessoas indignadas, des-

temperadas ou subitamente surpreendidas com regras políticas e morais inesperadas, casos em que são mais frequentes os exercícios da desobediência civil ou militar, pacífica ou violenta, conforme a natureza da ordem.

Os anarquistas têm grande dificuldade em desobedecer pelo simples fato de que não reconhecem a obediência. Ao contrário, os desobedientes civis em geral não carregam dinamite e mostram imenso interesse em corrigir descaminhos do estabelecimento. Pleiteiam sempre uma ordem mais duradoura, mais formal e mais apta a resistir às oscilações do tempo.

A desobediência civil não procura rupturas frontais, como o anarquismo. Quase sempre se contenta com simples correções de curso. Claro que pode gerar a anarquia, mas, nem tudo o que é anárquico é da órbita do anarquismo. É o que também ensina Chesterton. O próprio Bakunin se sentiria mal se o seu pensamento político fosse traduzido como anarquia.

O presidente teve um pesadelo e provavelmente não se libertou das impressões mais agudas da noite mal dormida ao convidar para socorrê-lo Bakunin em lugar de Chesterton. Falta humor na assimilação da crítica dos empresários. Pois, eles podem até ter tropeçado em traídas intenções de uma desobediência civil — espécie de máscara da impaciência — mas jamais seriam anarquistas para expressar esse sentimento em comunicado oficial subscrito pela Federação das Indústrias.

O componente que se projeta da desobediência civil para o anarquismo é a conspiração que resulta do inconformismo assumido. A não ser que o governo tenha elementos para considerar que os empresários agem como os conspiradores escoceses chestertonianos, não há por que chamá-los de anarquistas. Seriam os primeiros e por isso poderiam se candidatar às páginas do Livro de Guinness.

Ser contra o poder político na sua configuração institucional mais conhecida, contestar o Estado organizado e opor-se à ditadura ostensiva são conceitos anarquistas e não propriamente expressões de uma desobediência civil condicionada em exortações de quem se acha no dever de alertar para desvios de rota que afetam a economia. Preocupações típicas de sócios nas decisões e não de inimigos ideológicos.

Chesterton, com sua fina caricatura das estruturas humanas, teria sido mais útil ao presidente Sarney que Bakunin. E haveria mesmo de se sentir homenageado, pois 1987 assinala os sessenta anos de sua morte e, coincidentemente, trinta anos do lançamento de *O homem que foi quinta-feira no Brasil* (Livraria Agir Editora, 1957, tradução de José Laurênio de Mello).

Em matéria de anarquismo numa nação democrática, mais vale ter Chesterton à mão que Bakunin na cabeça. A não ser que os fantasmas do Dr. Amato estejam a gosto de vestir a carapuça e parodiar a escritora Zélia Gatai: anarquistas, graças a Sarney.